

Transições

Centro Universitário Barão de Mauá

<https://doi.org/10.56344/2675-4398.v4n1a2023.2>



Título

A mudança do perfil do jornalista correspondente internacional: presença feminina na profissão

Autores

Maria Eduarda Cubas Gervásio
Belisa Brião Figueiró

Ano de publicação

2023

Referência

GERVÁSIO, Maria Eduarda Cubas; FIGUEIRÓ, Belisa Brião. A mudança do perfil do jornalista correspondente internacional: presença feminina na profissão. **Transições**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 1, 2023.

Recebimento: 12/04/2023
Aprovação: 19/06/2023

A MUDANÇA DO PERFIL DO JORNALISTA CORRESPONDENTE INTERNACIONAL: PRESENÇA FEMININA NA PROFISSÃO

THE CHANGE OF THE PROFILE OF THE CORRESPONDING JOURNALIST INTERNATIONAL: FEMALE PRESENCE IN THE PROFESSION

Maria Eduarda Cubas Gervásio*
Belisa Brião Figueiró**

Resumo: Este artigo analisa a atuação dos jornalistas correspondentes internacionais, com foco na atividade exercida pelas mulheres nesse cargo, e como a presença feminina cresceu nos últimos anos. Como método, aplica a pesquisa exploratória com base em revisão bibliográfica, pesquisa de campo quantitativa e entrevistas. A revisão bibliográfica foi usada como base teórica para explicar os seguintes conceitos: o que é o jornalismo internacional, origem, quais as atribuições do profissional e como se difere da cobertura feita pelas agências de notícias internacionais pelos jornalistas brasileiros. Para agregar informações contemporâneas com a realidade da atuação dos profissionais, foram realizadas entrevistas, com foco no exercício da mulher, para entender e explicar como é o dia a dia delas, algumas das experiências que já passaram e a percepção das profissionais sobre o aumento de mulheres ocupando o cargo de correspondentes internacionais. Já a pesquisa de campo quantitativa teve como objetivo validar, em números e dados, a forte presença feminina na profissão. O levantamento foi realizado utilizando a plataforma LinkedIn, nos perfis das principais emissoras nacionais. Por meio deste estudo, foi possível examinar como é a atuação do jornalista correspondente internacional e verificar

* Graduada em Jornalismo pelo Centro Universitário Barão de Mauá.

** Doutorado em Ciência, Tecnologia e Sociedade pela UFSCar. Docente do Centro Universitário Barão de Mauá. Contato: belisa.figueiro@baraodemaua.br

como cresceu o número de mulheres que hoje ocupam o cargo de correspondente internacional.

Palavras-chave: Correspondente internacional. Rede Globo. Globo News. CNN Brasil. BBC Brasil.

Abstract: This article analyzes the performance of international correspondent journalists, focusing on the activity carried out by women in this position, and how the female presence has grown in recent years. As a method, it applies exploratory research based on a bibliographical review, quantitative field research and interviews. The bibliographic review was used as a theoretical basis to explain the following concepts: what is international journalism, origin, what are the professional's attributions and how it differs from the coverage made by international news agencies by Brazilian journalists. In order to add contemporary information with the reality of the professionals' work, interviews were carried out, focusing on the work of women, to understand and explain what their daily lives are like, some of the experiences they have already gone through and the professionals' perception of the increase in women occupying the position of international correspondents. The quantitative field research aimed to validate, in numbers and data, the strong female presence in the profession. The survey was carried out using the LinkedIn platform, in the profiles of the main national broadcasters. Through this study, it was possible to examine how the international correspondent journalist works and to verify how the number of women who currently occupy the position of international correspondent has grown.

Keywords: International correspondent. Rede Globo. Globo News. CNN Brasil. BBC Brasil.

O presente artigo apresenta dados da pesquisa realizada no Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo, intitulado “A mudança do perfil do jornalista correspondente Internacional: presença feminina na profissão” e defendido no Centro Universitário Barão de Mauá (GERVÁSIO, 2022).

A análise é iniciada pela perspectiva teórica do jornalismo internacional, a origem da editoria, o papel do jornalista correspondente, quais são as habilidades necessárias, atribuições e experiências profissionais. Na segunda parte do artigo, são apresentados os dados obtidos através do levantamento feito na plataforma LinkedIn, que visou mensurar a

quantidade de mulheres que atuam como correspondentes internacionais, a fim de identificar se hoje elas realmente são maioria nesse cargo.

O levantamento no LinkedIn se fez necessário pela falta de pesquisas atuais sobre o tema, mesmo para o desenvolvimento de trabalhos científicos, ou até análises feitas por instituições ligadas à atuação dos jornalistas brasileiros.

A metodologia da pesquisa é exploratória, pois investiga a atuação de mulheres jornalistas que atuam como correspondente internacional. O projeto tem como base três técnicas de pesquisa: revisão bibliográfica, pesquisa de campo quantitativa e entrevistas.

Na revisão bibliográfica, foram utilizados materiais bibliográficos, como artigos acadêmicos e livros. Na pesquisa de campo quantitativa, foi feito um levantamento de dados, através da plataforma LinkedIn, nos perfis das principais emissoras brasileiras: *Rede Globo*, *CNN Brasil*, *Globo News*, *SBT*, *Record TV*, assim como do jornal *Folha de S. Paulo*.

As entrevistas foram realizadas com quatro jornalistas mulheres, que atuam como correspondentes internacionais, em regiões da América Latina, Estados Unidos, Oriente Médio e Europa. Cada uma relatou algumas experiências, como é a rotina, além de exporem suas concepções sobre se houve um aumento de mulheres atuando como correspondentes internacionais e o porquê dessa mudança. São elas: Carolina Cimenti, Denise Odorissi, Marcia Carmo e Paola de Orte.

Carolina Cimenti é correspondente internacional da *Rede Globo* nos Estados Unidos desde 2016. Antes de ocupar o cargo que possui hoje, teve experiências em diferentes setores do jornalismo, trabalhando desde estagiária em rádios, como redatora internacional, produtora e repórter. Cimenti tem mestrado em Relações Internacionais na Universidade Livre de Bruxelas e fala cinco idiomas: português, espanhol, inglês, italiano e francês.

Denise Odorissi, no momento em que foi realizada a entrevista, era correspondente internacional da *CNN Brasil* em Londres. Atualmente,

trabalha como correspondente da *Record TV* em Israel. A jornalista sempre atuou muito próxima à redação e à reportagem. Construiu uma carreira dentro da *Record TV*, onde começou como estagiária. Tem pós-graduação em Política e Relações Internacionais pela Fundação Escola de Sociologia e Política, e fala português, inglês e espanhol fluentes, e está aprendendo italiano.

A jornalista Marcia Carmo já completa mais de 20 anos de experiência no ramo internacional. Ela é correspondente da *BBC Brasil* em Buenos Aires e cobre toda a América Latina. É formada em Comunicação Social e tem mestrado em Estudos Latino-Americanos na Universidade Nacional San Martín (UNSAM).

Paola de Orte é correspondente da *Globo News* em Israel, onde atua desde 2021. Tem graduação em Jornalismo e mestrado em Relações Internacionais. Antes de atuar como correspondente internacional, trabalhou em diferentes meios de comunicação e desempenhou os mais variados cargos. Fala quatro idiomas: português, inglês, espanhol e francês.

O QUE É O JORNALISMO INTERNACIONAL E QUAL É A SUA ORIGEM

O jornalismo internacional tem como função fazer a cobertura do que acontece no exterior. Uma premissa dessa área é que a matéria tenha algum tipo de ligação com o país que está vinculando a matéria. Pensando no mundo globalizado de hoje, quase tudo que acontece em um país tem efeito em outro, mesmo que de forma indireta. Podem ser consequências boas ou ruins. Por exemplo, o conflito entre a Rússia e a Ucrânia afetou no valor dos combustíveis e de alguns grãos no Brasil. Essa situação teve repercussão no Brasil pois era de interesse dos brasileiros, que queriam e tinham o interesse de saber o motivo do aumento no valor de certos produtos.

Chama-se Jornalismo Internacional a especialização da profissão jornalística focada nos eventos estrangeiros em relação ao país onde está sediado o veículo de imprensa em que o jornalista trabalha. Por isso, a definição é relativa por natureza: o que é assunto “doméstico” num determinado país será “internacional” em todos os demais (BRASIL, 2012, p. 4).

Natali (2004) fala que, diferente do que muitos pensam, o jornalismo já nasceu internacional e por isso não é uma editoria nova. O responsável por essa editoria teria sido um banqueiro europeu chamado Jacob Fugger. Ele morava onde atualmente é a Alemanha, mas mantinha negócio onde hoje é a Bélgica.

Pensando como empreendedor, ele tinha agentes que o informavam de questões que eram úteis para a gestão do negócio, como a cotação das mercadorias, se tinha algum conflito que poderia de alguma forma atrapalhar o transporte, valor das apólices de seguro e se algum acordo ou ruptura dentro da Igreja e da nobreza tinha acontecido e poderia influenciar o mercado. Com isso, ele criou o que viria a ser o jornalismo econômico e político e, como as informações eram de uma região diferente da sua, internacional.

Natali (2004) fala que na primeira metade do século XVII já circulavam jornais com informações de economia e política em países como Suíça, Áustria, Hungria, Inglaterra e França.

É interessante pensar nessa estrutura de comunicação naquele momento, já que os processos ainda não eram bem definidos e nem a forma de levar as informações de um lugar para o outro era eficiente. Por isso o equívoco em pensar que foi somente a partir de 1800 que o jornalismo internacional teve origem, mas a verdade é que foi nessa época que ele cresceu e ganhou mais importância.

Foi quando em Londres os periódicos impressos ampliavam sua área geográfica de interesse e de cobertura em razão da expansão do império colonial britânico. Na mesma época, continuamos a acreditar, o noticiário internacional tomou

corpo rapidamente nos Estados Unidos, onde imigrantes enriquecidos tinham uma visão mais metropolitana do mundo e criavam uma demanda específica por informações, sobretudo as que tinham origem na Europa (NATALI, 2004, p.19).

Somado a isso, a Prensa de Gutenberg já existia fazia quase meio século, o que facilitava a produção em maiores quantidades de conteúdo. A prensa de Gutenberg foi criada no século XV, por Johann Gutenberg. Ela foi um importante mecanismo para a criação, divulgação e distribuição de conteúdo em massa. Antes disso, todo tipo de conteúdo textual era escrito à mão e isso dificultava o acesso à leitura. Com a prensa, esse cenário mudou e o consumo em massa cresceu, o que contribuiu para o aumento de consumidores de notícias e o crescimento de empresas de comunicação.

Depois, com as Revoluções Industriais, que aconteceram primeiro na Inglaterra e depois em todo continente europeu, a produção em massa ganhou espaço e o jornalismo passou a ser mais popular por causa das transformações tecnológicas que aconteceram.

Conforme Brasil (2012), mesmo que o jornalismo internacional tenha surgido com mais enfoque nos temas de economia e política, hoje ele é uma das editorias com maior abrangência de temas, cobrindo, além de questões econômicas e políticas, cultura, acidentes, natureza e todos os assuntos que aconteçam fora de seu país de origem.

Já em relação à função do correspondente internacional, fica claro que o avanço tecnológico foi e ainda é importante para o crescimento da editoria.

A função do correspondente internacional e o crescente prestígio e importância desse tipo de profissional está intimamente ligado aos avanços tecnológicos. O alcance que os satélites deram às TVs e uma crescente concorrência no cenário internacional de informações fizeram com que a busca pela notícia se acirrasse, não importando a distância dos acontecimentos (BRITTO, 2004, p. 2).

Porém, não foi só o desenvolvimento tecnológico que permitiu a expansão da editoria internacional. “Houve também uma necessidade da metrópole colonial, que estimulou a formação de uma classe intelectual especializada nos fenômenos do exterior” (VIANA; LIMA, 2013, p. 4).

CONHECIMENTOS NECESSÁRIOS PARA A ATUAÇÃO INTERNACIONAL

O jornalista que atua como correspondente internacional deve, segundo Silva (2011), ter domínio e fluência em pelo menos um idioma que não seja o seu materno, compreender como funciona o sistema político, social, econômico e cultural do país e/ou região onde irá atuar, e da sua de origem, a fim de conseguir fazer ligação entre os lugares.

Como, em sua maioria, o correspondente atua sozinho, também é imprescindível que o jornalista tenha conhecimento em diversos assuntos, já que produzirá matérias e pautas dos mais diversos temas. “Antes de mais nada, é preciso ter alguma vocação cosmopolita, demonstrar interesse pessoal por coisas de outros países” (ADGHIRNI, 2012 *apud* ADGHIRNI, 2013, p. 6). Britto (2004) fala sobre o domínio de um ou mais idiomas:

De acordo com esse conhecimento, o repórter pode captar informações, processá-las e construir uma cadeia gramatical com um sentido que abranja todo o texto de modo coerente. A fluência é indispensável para um profissional que mora no estrangeiro (BRITTO, 2004, p. 7).

Mas, apenas dominar a gramática do idioma não é o suficiente, é preciso conhecer linguajares, gírias, costumes e hábitos daquela população ou país. A tradução ao pé da letra muitas vezes não funciona.

Britto (2004) também comenta sobre a importância de um repertório cultural vasto, como conceitos e acontecimentos históricos e geopolíticos. Essas noções são importantes em todo o processo jornalístico, desde a apuração até a edição de uma matéria. Um correspondente com

conhecimentos sobre aspectos estratégicos de um país pode apurar fatos com mais precisão.

Paola de Orte, jornalista da *Globo News* em Israel, cita três características importantes para a atuação do correspondente internacional e do jornalista em geral: curiosidade, energia e *cara de pau*. Dito de outra forma, curiosidade por tudo. Se interessar por qualquer coisa e assunto. Energia, pois, o profissional precisa estar sempre muito ligado e atento ao que está acontecendo para realizar um bom trabalho (ORTE, 2022).

Cara de pau, muita cara de pau. É constrangedor às vezes, você vai fazer perguntas que você não quer fazer, que a pessoa não quer ouvir, e você tem que fazer. Você tem que ter muita cara de pau para fazer as perguntas certas e as perguntas certas às vezes são constrangedoras (ORTE, 2022).

Marcia Carmo (2022), correspondente internacional da *BBC* em Buenos Aires, apontou a questão dos preconceitos. “A gente chega em um país que não é o nosso, então a gente tem que chegar e tentar entender o outro país, não chegar pensando que as pessoas podem ser arrogantes, por exemplo”.

A jornalista Marcia Carmo também fala sobre a importância de ter um grupo diverso de fontes, de diferentes setores econômicos, políticos e sociais, para que a produção jornalística não seja previsível (CARMO, 2022).

Assim como Paola de Orte, a jornalista Carolina Cimenti, correspondente da *Rede Globo* em Nova York, também destaca a importância de ser curioso, de estar sempre em busca de aprender coisas novas e de como isso está no DNA do jornalista (CIMENTI, 2022).

Carolina Cimenti (2022) fala também sobre a comunicação com pessoas que falam outros idiomas e de como o maior número de línguas é fundamental: “Não faz sentido estar fora do Brasil e não conseguir se comunicar com as pessoas”.

ATRIBUIÇÕES DO CORRESPONDENTE

Uma diferença entre o repórter nacional e o internacional é a divisão de tarefas. Nas emissoras brasileiras, é mais comum que exista uma pessoa responsável pela produção do material, apuração de dados e informações, outra pela realização das entrevistas, uma para a edição de texto e outra para edição de imagens. O correspondente, por outro lado, pode executar quase todas essas tarefas.

Pela distância geográfica e o fuso-horário, o jornalista internacional precisa ter autonomia para produzir e sugerir suas próprias pautas, fazer a apuração e realizar entrevistas. A edição de imagens e vídeos geralmente é feita na emissora nacional, que recebe o material e possui equipes especializadas nessa atividade. Dependendo do local de atuação do correspondente, as agências de notícias internacionais são grandes aliadas, pois transmitem dados e informações que muitas vezes o jornalista não tem acesso, pela falta de possibilidade de locomoção ou pelo grande acúmulo de atividades.

Sobre o fuso-horário, a jornalista Denise Odorissi, correspondente da *CNN Brasil* em Londres, conta como a diferença de três horas molda a sua rotina de trabalho em Londres: “Eu sigo o fuso-horário do Brasil, porque eu tenho que trabalhar no horário nobre dos jornais. Sempre trabalho depois do almoço até mais tarde, até dez, onze horas da noite, e às vezes até meia noite” (ODORISSI, 2022). Em casos de urgência ou de algo mais sério é possível que ela tenha que sair da rotina padrão para atender àquela demanda.

Já a entrevistada Paola de Orte, vê a questão do fuso horário por dois lados, um positivo e um negativo. O positivo: ela escreve para jornal impresso, e a diferença de horário ajudou na organização e disciplina para conseguir entregar o material no momento certo e solicitado pela redação. O lado negativo é em relação à atuação para a televisão. A diferença de

horário entre Israel e o Brasil é de cinco horas, o que atrapalha eventualmente a comunicação com a equipe nacional. “Acho que realmente o fuso é uma das questões mais complicadas de morar aqui” (ORTE, 2022).

Com relação ao dia a dia, da rotina de um correspondente, Marcia Carmo conta que aprendeu a ter mais disciplina sendo correspondente e o quanto é importante estar sempre atenta e conectada às situações que ocorrem nos países da região que faz a cobertura. Ela conta que tem como costume acompanhar diariamente os jornais locais para se manter atualizada sobre tudo e busca sempre estar em contato com seu grupo de fontes, para ajudar no desenvolvimento de uma matéria ou para conseguir informações para sugerir uma pauta (CARMO, 2022).

Pela distância geográfica, Marcia Carmo também destaca a importância da proatividade. “Eu acho que é fundamental ser proativo. Acho que não é uma questão de autonomia, pois se você for ficar esperando que o chefe te paute, você não tem trabalho” (CARMO, 2022).

A grande maioria dos correspondentes internacionais atuam sozinhos, sem a presença de uma equipe formada por cinegrafista, produtor e editor, como acontece em uma redação no Brasil, porém, essa situação é diferente da vivida por Carolina Cimenti, correspondente da *Rede Globo* em Nova York. A empresa possui um escritório na cidade e por isso a jornalista tem apoio na produção e captação de imagens. Como existe uma equipe no local, tudo precisa ser muito bem conversado e combinado no começo de cada dia, para uma divisão de tarefas que consiga atender as demandas da emissora (CIMENTI, 2022).

Mesmo trabalhando também para a *Rede Globo*, a experiência de Paola de Orte é diferente. Ela relata que trabalha sozinha e que esse é um movimento crescente dentro do jornalismo, do profissional ser multimídia e conseguir executar várias e diferentes funções (ORTE, 2022).

Denise Odorissi (2022) também atua sozinha, mas explica que, para matérias mais específicas e mais “importantes”, as imagens não são feitas por ela e que a empresa geralmente contrata um *freela*¹ para atuar em conjunto.

EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS

Outro requisito importante para a atuação completa dos jornalistas correspondentes internacionais são as experiências profissionais anteriores. O cargo de correspondente internacional é um dos mais altos em emissoras e por isso uma experiência prévia na profissão pode ajudar na cobertura no exterior.

Essa experiência profissional não precisa ser em um cargo específico dentro do jornalismo. Alguns jornalistas, antes de ocuparem o posto de correspondente, foram repórter de rua, editor de texto, produtor, apresentador, assessor de imprensa e até editor de vídeo. Tudo depende da emissora e do desempenho pessoal de cada profissional.

Paola de Orte, antes de atuar como correspondente internacional, trabalhou em diferentes meios de comunicação, como revistas e jornais, desempenhou funções como repórter e também com comunicação interna e assessoria de imprensa.

Já a jornalista Denise Odorissi sempre se manteve muito ligada à atuação dentro de uma redação e do processo de reportagem. Começou a carreira como estagiária na parte de edição de jornal, passou pela da produção de pauta, coordenação de rede, chefia de reportagem, repórter, apresentadora, repórter especial e agora como correspondente internacional.

¹ *Freela* é uma gíria para o trabalhador freelance. O freelancer é quem atua por conta própria, sem vínculo empregatício. Ele é remunerado de acordo com o que desenvolve e com as tarefas que entrega.

Carolina Cimenti também manteve contato muito próximo com o ambiente da redação, mas teve experiências profissionais em outras áreas. Trabalhou em rádio, jornal, como redatora de internacional em um portal de notícias, estagiou em uma rádio em Roma, prestou serviços de freelance para uma produtora de TV e para revistas do Brasil. Teve contato com estagiária com o parlamento italiano, depois como produtora em uma emissora, repórter e, agora, como correspondente.

AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS E OS CORRESPONDENTES INTERNACIONAIS

As agências internacionais de notícias podem ser grandes aliadas para os correspondentes internacionais. Por serem empresas com escritórios que possuem uma quantidade alta de funcionários, o acesso e o alcance são maiores do que os correspondentes internacionais, que atuam, em sua maioria, sozinhos.

De acordo com Brasil (2012), as agências internacionais de notícias são especializadas em transmitir informações e notícias para os veículos de comunicação, como televisão, rádio, jornais, revistas, sites online e outros meios.

As agências surgiram em meados do século XIX com a fundação da Havas (mais tarde dividida entre AFP e Reuters). Durante a Guerra Civil Americana nos Estados Unidos, os maiores jornais de Nova York juntaram-se para formar a Associated Press e enviar um pool de correspondentes para o campo de batalha (BRASIL, 2012, p. 07).

Conforme Viana e Lima (2013), as primeiras matérias produzidas pelas agências eram de economia, dados sobre agricultura e mineração, mas hoje elas oferecem muito mais. Investem em tecnologia e fazem análises e coberturas de eventos internacionais.

As jornalistas entrevistadas falaram sobre a relação delas, como correspondentes, com as agências internacionais.

Segundo Paola de Orte (2022), a relação do correspondente internacional com as agências de notícias não pode ser descrita como uma competição, até porque a agência faz o trabalho do cotidiano. “Às vezes, eles fazem um trabalho mais aprofundado, mas o dia a dia deles é mais factual e o factual todo mundo faz meio parecido”.

Já Denise Odorissi (2022) comenta sobre como o trabalho das agências é benéfico e ajuda os correspondentes: “Eles conseguem estar nos locais que a gente não consegue. Não existe nenhum tipo de competição”.

A jornalista Denise Odorissi diz ainda sobre a estrutura das agências internacionais de notícias, citando, principalmente, a *Reuters*: “Eles têm uma estrutura gigante. Possuem *freelas* no mundo todo, funcionários e escritórios em vários locais, e isso é ótimo” (ODORISSI, 2022).

Com mais de 40 anos de experiência na área de jornalismo, Marcia Carmo destaca como a importância das agências mudou no decorrer dos anos. “Antes todos os jornais tinham correspondentes em cada lugar. Mas as empresas de comunicação foram ficando com menos grana e as agências passaram a ocupar um papel mais importante” (CARMO, 2022). E acrescenta:

Antigamente as agências cobriam coisas de último momento, mas hoje elas têm matérias muito legais, como de comportamento. Muitos jornais hoje vivem de pagar as agências, que é caríssimo, mas que segundo alguns diretores, é mais barato que ter um correspondente em cada lugar (CARMO, 2022).

Carolina Cimenti (2022) já destaca como as agências internacionais de notícias são fundamentais para o desenvolvimento de uma reportagem para a televisão, veículo em que as imagens são essenciais e indispensáveis.

A gente usa muito as agências de notícias, principalmente para imagens, porque na televisão a gente precisa das imagens para colocar o VT no ar e muitas imagens vêm de

agências de notícias. É muito raro a gente fazer uma reportagem só com imagens nossas. É o que a gente mais gosta, mas é raro, pois envolve estar no local, envolve viajar, envolve todo um trabalho (CIMENTI, 2022).

É possível notar que as agências são grandes aliadas na construção e desenvolvimento de notícias internacionais. A grande questão é: qual a necessidade de um jornalista, de um correspondente internacional, se já existem as agências? Samy Adghirni levanta o mesmo questionamento, mas apresenta uma solução:

O mundo precisa mais do que nunca de profissionais capazes de ajudar a entender o mundo. Um correspondente representa um olhar próprio e às vezes exclusivo sobre um determinado país. É um valor agregado imenso em termos de informação diferenciada (ADGHIRNI, 2012 *apud* ADGHIRNI, 2013, p. 13).

As agências de notícias internacionais produzem e divulgam matérias e informações em larga escala, é por isso que o conteúdo recebido pela emissora X é o mesmo que o da emissora Y. Todos os veículos de comunicação que contratam os serviços das agências, mesmo que mais de uma, recebem a mesma informação que sua concorrente. Além de não terem nenhum conteúdo especializado no seu público, as informações transmitidas para os telespectadores, ouvintes e leitores de notícias se tornam homogêneas, empobrecendo a editoria de internacional.

Um dos papéis mais importantes do correspondente internacional entra justamente na diferenciação e, logicamente, no combate à homogeneização das notícias, enriquecendo as reportagens com fontes variadas e assuntos inusitados e atrativos, que fujam um pouco dos conteúdos e/ou angulações dos noticiários das grandes redes (BRITTO, 2004, p. 11).

O correspondente foca no “olhar” dos cidadãos do seu país. Além disto, o correspondente também contribui com muito mais. Adghirni (2013) fala sobre essa capacidade dos correspondentes de trazerem o diferencial

para o material produzido. “Os correspondentes buscam os valores, que são raramente explícitos e têm que ser encontrados nas entrelinhas. Nesse sentido, procuram produzir matérias de interesse humano” (ADGHIRNI, 2013, p. 15).

Britto (2004) traz outro ponto importante que difere a atuação dos correspondentes internacionais com as agências de notícias internacionais. Muitas vezes, o correspondente encontra matérias e pautas em coisas simples, do cotidiano, que talvez não seriam interessantes para o repórter local, mas que podem interessar a população do país natal do jornalista.

Carolina Cimenti (2022) faz uma comparação entre o correspondente internacional e o *sushi man*. Ela coloca o peixe cru como a informação em si, a informação bruta, e o sushi como o conteúdo que é produzido e apresentado pelo correspondente.

Você pode comprar um peixe cru e comer peixe cru, mas aquilo não é sushi. O que torna o peixe cru em sushi é o preparo do chef. Ele escolhe o peixe, faz o corte da melhor maneira, mistura com o arroz que ele preparou, tempera de certo modo e serve. A mesma coisa acontece com o correspondente. O correspondente tem uma informação (peixe) e trabalha em cima dela. Ele traduz, explica, faz uma entrevista para ajudar na compreensão. Dá o contexto e transforma a informação bruta (peixe cru) em uma matéria (sushi) bem trabalhada, tornando mais agradável de consumir (CIMENTI, 2022).

Denise Odorissi também faz uma analogia para explicar o diferencial do correspondente. “A agência te entrega um pacote, o correspondente precisa abrir esse pacote, entender o que tem ali dentro, o que é de interesse para o brasileiro, o que não é, e explicar o que está dentro desse pacote” (ODORISSI, 2022).

A jornalista também comenta sobre o “olhar brasileiro”. “O correspondente tem que saber que nem tudo que é notícia aqui [local de cobertura do correspondente] é notícia para o Brasil. Tem que saber o que é uma notícia de relevância internacional e local” (ODORISSI, 2022).

Denise Odorissi também fala sobre a importância de dar um contexto para facilitar a compreensão, e deu como exemplo matérias sobre as vacinas durante a pandemia. “Se eu falasse que o órgão regulador do Reino Unido aprovou tal vacina, eu explicava que esse órgão tem um papel semelhante ao da Anvisa, mas com suas diferenças e particularidades” (ODORISSI, 2022). Isso ajuda o brasileiro a compreender qual é o papel daquele órgão naquele país.

Paola de Orte (2022) fala sobre como a produção de matérias especiais são importantes para o correspondente conhecer o país ou região que cobre. “O legal é o que você consegue fazer de diferente, que vai além da agência. É nesse momento que você vai conhecer aquele país, vai mergulhar no assunto e vai conversar com várias pessoas diferentes”.

Marcia Carmo também fala sobre o “olhar brasileiro”, mas traz a questão de como a agência faz a cobertura de algo.

Pela agência, a cobertura pode estar sendo feita por um americano, chileno, boliviano, uma pessoa que não é brasileira. A gente tem preocupações muito específicas. Sabemos o que interessa ao Brasil e acho que esse é o diferencial (CARMO, 2022).

CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE PARA A EDITORIA INTERNACIONAL

É impossível encaixar dentro do tempo disponível de um telejornal, um programa de rádio ou até mesmo um site de notícias, tudo o que acontece, em todas as regiões do mundo. Por isso, os critérios de noticiabilidade são fundamentais para o trabalho dos jornalistas, incluindo os que trabalham como correspondentes internacionais.

Natali reflete sobre isso da seguinte maneira: “As editorias internacionais têm diariamente um mundo de notícias. No sentido próprio e também no sentido figurado” (2004, p. 09).

Por isso, nenhum outro editorial de um jornal descarta tanta notícia e informação quanto a internacional, o que quer dizer que nenhuma outra editoria precisa de critérios de noticiabilidade e filtro tão refinados para definir o que é relevante e o que não é (NATALI, 2004). Sendo assim, como é definido o que é válido, de interesse e relevante para ser produzido para a editoria internacional de um jornal?

Paola de Orte (2022) fala que um guia importante para avaliar se algo é válido ou não é sua curiosidade. “Eu aprendi com o tempo que, na verdade, a minha curiosidade não é tão diferente da curiosidade das outras pessoas. Se eu achei algo curioso, se eu achei algo engraçado, intrigante, as outras pessoas vão achar também”. Nesse sentido, a jornalista relata uma experiência interessante. Ela estava em uma roda de amigos quando um deles comentou sobre uma cidade onde as pessoas eram alérgicas à internet. Aquele comentário passou batido para o restante das pessoas, mas ela, como jornalista, achou interessante, curioso e decidiu ir atrás. A informação acabou virando uma reportagem.

Denise Odorissi atua em três frentes dentro da *CNN Brasil*: televisão, rádio e online. Ela diz que o que vale para um geralmente pode não valer para o outro, que os critérios de noticiabilidade são diferentes. No online, pode entrar em um conteúdo que não coube no jornal. Por exemplo: ela vai em alguma exposição de arte e aquele evento é interessante para uma nota online, com fotos feitas por ela, mas que, para a TV, provavelmente não renderia uma reportagem (ODORISSI, 2022).

Já Marcia Carmo (2022) diz que usa dois tipos de critérios: quando o assunto é permanente e está nas pautas internas do Brasil, e quando um evento tem algum “efeito” para o Brasil. No primeiro caso, a jornalista exemplifica as discussões e pautas sobre o combate ao racismo, que é um assunto constante e por isso ela busca temas nos países da América Latina que tenham relação com isso. Já no segundo, cita as eleições no Chile. Ela julga como importante pela proximidade do país com o Brasil e pelo

movimento político que está crescendo por lá. Nesse sentido, algumas perguntas são norteadoras: Isso pode virar uma tendência? Como o novo governo afeta o Brasil?

Carolina Cimenti (2022) se baseia em três tópicos para entender e validar o que é de interesse para os brasileiros ou não. O primeiro, assim como cita Paola de Orte, é a curiosidade. Podem ser coisas que não tem um impacto para o Brasil, mas que são interessantes de conhecer e divulgar. O segundo são os eventos de impacto direto. A jornalista da *Rede Globo* deu como exemplo as eleições de Donald Trump, pois é um país que tem relações econômicas e diplomáticas com o Brasil. A terceira são acontecimentos que talvez não tenham impacto direto, mas que mundialmente são temas de grande relevância e que precisam ser de conhecimento brasileiro. Carolina Cimenti cita o conflito entre Rússia e Ucrânia. Logo de início, a seu ver, a guerra não apresentou grandes impactos para o Brasil, mas era algo que não acontecia fazia muito tempo, de um país invadir o outro daquela maneira e por isso era importante de ser noticiado.

PRESENÇA FEMININA NA CORRESPONDÊNCIA INTERNACIONAL

De acordo com uma pesquisa realizada em 2012, pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em convênio com a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), 64% dos jornalistas brasileiros eram mulheres, brancas, solteiras e com até 30 anos.

Uma outra pesquisa realizada em 2021, mais focada na precarização do trabalho dos jornalistas brasileiros, também desenvolvida em conjunto com a FENAJ, foi realizada com o objetivo de atualizar os dados da pesquisa de 2012. Os dados foram coletados em 2021 e mostram pouca diferença em relação à quantidade de mulheres e no perfil delas. As mulheres ainda são maioria, com 58%, brancas, solteiras e com até 40 anos.

Essas informações mostram a presença feminina no jornalismo em geral e não em um cargo específico. Quando analisado na atuação como correspondente internacional, a pesquisa mais atual e que mais se aproxima do objetivo buscado neste artigo é a tese de doutorado de Luciane Fassarella Agnez, publicada em 2014. Nele, é possível notar como a presença de mulheres ocupando o cargo de correspondentes internacionais cresceu a partir de 2010.

O levantamento realizado por Agnez (2014) demonstra que, dos 34 jornalistas internacionais entrevistados, 23 deles homens e 11 mulheres. Desses 34, 15 não atuavam mais como correspondentes e 19 ainda atuavam. Da parcela que não atuava mais, apenas 26,3% eram mulheres. Da parcela que ainda atuava, 42,5% eram mulheres, ou seja, quase o dobro.

De acordo com Golzio (2009), em meados de 1990, 58% dos jornalistas eram homens, enquanto que no levantamento de 2012 as mulheres já correspondiam a 64% dos profissionais. Esse aumento tem relação com a feminização da mídia, ou seja, mais mulheres trabalhando no setor de imprensa e no mercado de trabalho em geral.

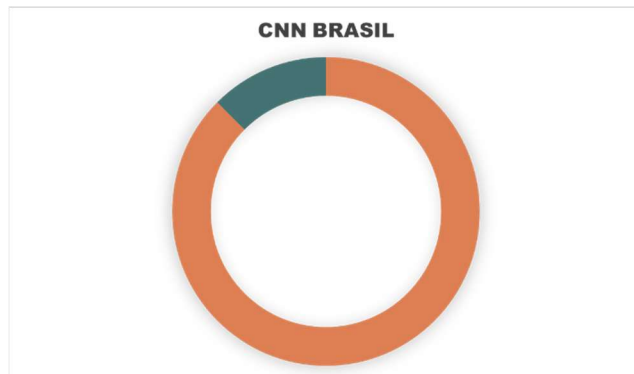
O levantamento de Agnez (2014) mostra a dificuldade de encontrar mulheres correspondentes no século XX, mostrando o quanto a profissão era quase exclusiva dos homens.

Considerando essa ausência de dados específicos sobre as correspondentes internacionais, esta pesquisa realizou um levantamento mais apropriado, utilizando a plataforma *LinkedIn* como base de informações. O objetivo era verificar a presença feminina em grandes empresas de comunicação do Brasil, como *Rede Globo*, *GloboNews*, *CNN Brasil*, *SBT*, *Record TV* e *Folha de S. Paulo*.

A partir das informações coletadas, foi possível verificar que, na *CNN*, dos oito correspondentes, sete são mulheres e um é homem. Das sete mulheres, quatro são *freelancers* e três são contratadas da emissora. Isso

mostra a predominância feminina no cargo de correspondentes internacionais.

Imagem 1: Quantidade de mulheres e homens correspondentes internacionais na CNN Brasil



A coloração rosada representa as mulheres e a verde azulada os homens.

Fonte: LinkedIn
Elaboração: Autora

Na *Rede Globo*, vemos um cenário diferente, onde dos nove correspondentes, seis são homens e somente três são mulheres. Dos seis, dois deles são *freelancers*.

Imagem 2: Quantidade de mulheres e homens correspondentes internacionais na Rede Globo

REDE GLOBO

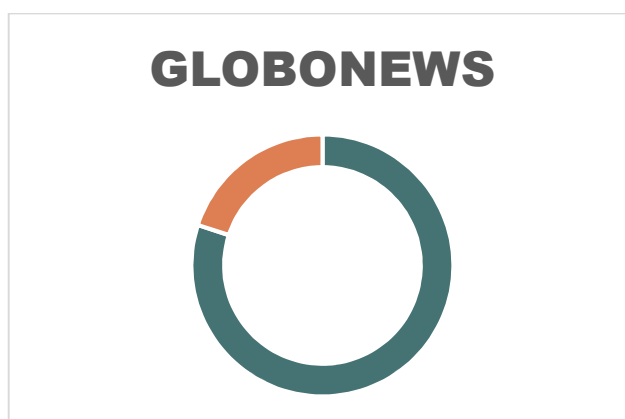


A coloração azul escura representa os homens e a amarela as mulheres.

Fonte: LinkedIn
Elaboração: Autora

Já na *Globo News*, vemos uma predominância feminina. Dos 10 correspondentes, oito são mulheres e dois são homens. De acordo com a pesquisa, nenhum deles é *freelance*, todos são contratados pela emissora.

Imagem 3: Quantidade de mulheres e homens correspondentes internacionais na Globo News

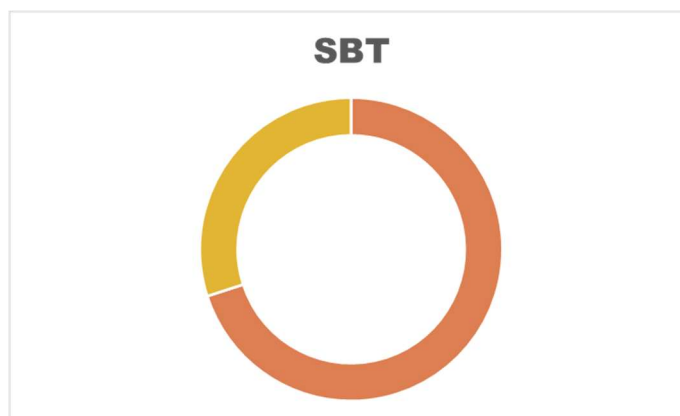


A coloração verde azulada representa as mulheres e a rosada os homens.

Fonte: LinkedIn
Elaboração: Autora

Na emissora *SBT*, dos cinco correspondentes encontrados na pesquisa, três são mulheres e dois são homens.

Imagem 4: Quantidade de mulheres e homens correspondentes internacionais no SBT

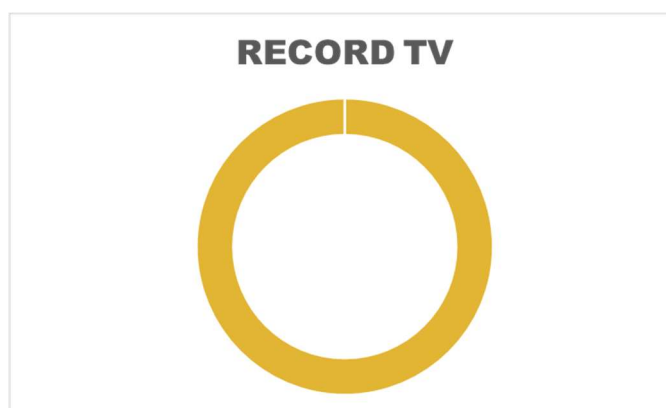


A coloração rosada representa as mulheres e a amarela os homens.

Fonte: LinkedIn
Elaboração: Autora

Na Record TV, todos os correspondentes internacionais (três) são mulheres.

Imagem 5: Quantidade de mulheres e homens correspondentes internacionais na Record TV

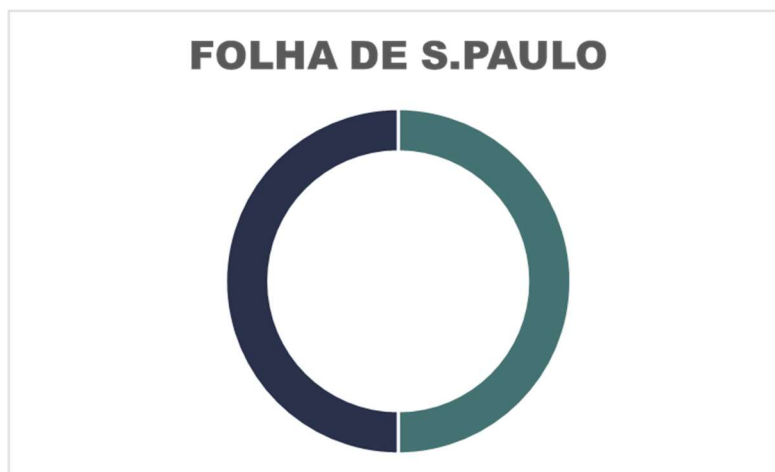


A coloração amarelada representa as mulheres.

Fonte: LinkedIn
Elaboração: Autora

Na *Folha de S.Paulo*, a divisão é proporcional: uma mulher e um homem.

Imagem 6: Quantidade de mulheres e homens correspondentes internacionais na *Folha de S.Paulo*



A coloração azul escura representa os homens e a verde azulada as mulheres.

Fonte: LinkedIn
Elaboração: Autora

Das emissoras usadas como base na pesquisa, apenas a *Rede Globo* contém uma página na internet que mostra profissionais veteranos, que já atuaram como correspondentes no século passado. Nesse site, dos 20 profissionais, apenas três eram mulheres, sendo uma delas Sandra Passarinho, a primeira correspondente da *Globo* na Europa. Fazendo uma comparação com a atualidade, vemos um quadro totalmente inverso, onde a maioria é mulher.

Não é possível fazer uma comparação semelhante com a *CNN Brasil*, *Record TV*, *SBT* e *Folha de S. Paulo*, pois não existe nenhum arquivo público e aberto com essas informações das próprias emissoras.

Usando os dados coletados de todas as emissoras, temos um total de 37 jornalistas atuando como correspondentes internacionais, sendo 25 desses cargos ocupados por mulheres, o que corresponde a cerca de 67,56%.

Levando em consideração a pesquisa de 2021 da FENAJ, que evidencia a predominância feminina em termos gerais da atuação jornalística, somado aos nossos dados coletados, é possível notar a crescente presença das mulheres tanto em questões gerais do jornalismo, quanto no cargo de correspondente internacional, pelo menos nos meios de comunicação analisados.

Paola de Orte (2022), quando questionada sobre a presença de mulheres que ocupam o cargo de correspondente, diz que, atualmente, vê mais mulheres, mas que, quando chegou aos Estados Unidos, ainda tinha mais homens, mesmo que a divisão não fosse tão desigual. Ela comenta que, durante as eleições presidenciais de 2016 no país, os seis correspondentes internacionais que estavam fazendo a cobertura eram mulheres. Ela acredita que houve uma revolução feminina, mas não sabe o porquê disso. Talvez pela mudança de cultura das empresas que buscou colocar mais mulheres no cargo ou pelo destaque que jornalistas brasileiras estão ganhando na atuação no Brasil.

Carolina Cimenti (2022) também comenta essa mudança nos últimos anos. “Até a própria *Globo* mandava mais correspondentes homens e hoje a gente vê que tem muita mulher”. A jornalista relata que, atualmente, são três mulheres no escritório em Nova York: Sandra Coutinho, Candice Carvalho Feio e ela. “Se pensar nos correspondentes clássicos, de quando eu era criança, eram muitos homens. Tinha uma mulher aqui, uma mulher lá. Mas a grande maioria era homem” (CIMENTI, 2022).

A jornalista Marcia Carmo (2022) relata que consegue perceber uma mudança no perfil do correspondente internacional, com maior participação feminina. “Eu vejo uma presença cada vez maior de mulheres. Sem dúvida, não tem comparação”. Ela fala dos correspondentes

internacionais de diversas emissoras brasileiras, e de como dos sete correspondentes que atuam na América Latina, cinco são mulheres. “A presença feminina cresceu muito, é muito impressionante”. A jornalista vê alguns motivos para essa mudança, sendo um deles a crise no jornalismo, com redações cada vez mais enxutas e pagando salários mais baixos. Vários de seus amigos antigos de profissão, jornalistas homens, deixaram de atuar como correspondentes e migraram para a comunicação corporativa para ganhar salários mais altos, e que isso pode ter aberto espaço para mulheres, que em grande parte das vezes ganham menos que o homem exercendo as mesmas atividades.

A pesquisa de 2012 da FENAJ demonstra em dados a diferença salarial encontrada nas redações.

As mulheres jornalistas, mais jovens, ganhavam menos que os homens; eram maioria em todas as faixas até 5 salários mínimos e minoria em todas as faixas superiores a 5 salários mínimos (FENAJ, 2012, p. 26)

Esse cenário também pode ser comprovado pela pesquisa de 2021 da FENAJ.

Outra característica da precarização crescente do mercado jornalístico brasileiro é a feminização. Elas são maioria nas redações, porém ocupam menos cargos de gestão, saem mais cedo da profissão e ganham menos (FENAJ/UFSC, 2021, p. 23)

Pontes (2017) faz uma comparação entre a precarização do trabalho dos jornalistas e o salário que as mulheres recebem.

As condições de trabalho das mulheres no jornalismo brasileiro, principalmente na mídia, são mais precárias. Elas trabalham o mesmo que os homens, mas ganham menos, têm menos acesso a benefícios e estavam, em 2012, de modo geral, mais insatisfeitas que eles (PONTES, 2017, p. 25).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a revisão bibliográfica, as entrevistas e os dados, foi possível verificar a atuação das jornalistas que trabalham como correspondentes internacionais e qual a percepção de cada uma delas sobre o aumento progressivo das mulheres no cargo, assim como a predominância feminina na atualidade.

Dessa forma, encontramos alguns fatores que contribuíram para a mudança do cenário. A jornalista Marcia Carmo, da *BBC Brasil* em Buenos Aires, cita a crise no jornalismo como um desses fatores. De acordo com a jornalista, há alguns indicativos para uma abertura de espaço para as mulheres: redações mais enxutas; salários não condizentes com as grandes jornadas de trabalho; e o fato dos jornalistas homens que antes eram maioria terem migrado para a comunicação corporativa em busca de condições salariais e de trabalho melhores.

Esses pontos foram verificados por meio de duas pesquisas da FENAJ: uma publicada em 2012 e outra em 2021. Ambas relacionam a diferença salarial entre homens e mulheres, e a precarização do trabalho dos jornalistas nas redações, que trabalham muito e recebem pouco.

A jornalista Paola de Orte, da *Globo News*, também trouxe reflexões sobre o aumento das mulheres como correspondentes internacionais e, embora não analisando o porquê da mudança, ela consegue perceber que ela existe, que houve uma revolução feminina e que hoje as mulheres são maioria. Ela acredita que a mídia brasileira passou a valorizar melhor a qualidade do trabalho realizado pelas mulheres jornalistas e que isso abriu portas no setor de forma geral. O mesmo foi concluído pela jornalista Carolina Cimenti, da *Rede Globo*.

As falas das jornalistas, agregadas às demais pesquisas consultadas, mostram a dificuldade em quantificar essa mudança e qual foi o fator principal para esse novo cenário.

Pela ausência de informações e dados recentes sobre a quantidade de mulheres ocupando o cargo de correspondentes internacionais, foi feito um levantamento próprio para esta pesquisa, examinando os perfis profissionais disponíveis no *LinkedIn*, para comprovar o aumento da presença feminina em grandes empresas de comunicação do Brasil, como *Rede Globo*, *Globo News*, *CNN Brasil*, *SBT*, *Record TV* e *Folha de S. Paulo*. Essa investigação mostrou que dentro das seis emissoras de TV analisadas, dos 37 jornalistas classificados como correspondentes internacionais, 25 eram mulheres, o que corresponde a quase 68%, demonstrando, assim, que de fato há uma mudança do cenário e o aumento feminino.

Em última análise, não se trata apenas de uma impressão vaga das jornalistas que atuam nesse segmento, visto que os dados comprovaram essa nova realidade, a qual surge como uma tendência para os próximos anos, encorajando profissionais mulheres em início de carreira a investirem na área internacional.

REFERÊNCIAS

ADGHIRNI, Zélia Leal. A pluralidade do mundo na visão singular do correspondente internacional. **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, n.28, p. 32-52, jul. 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/41160/26092>. Acesso em: 19 maio 2022.

AGNEZ, Luciane Fassarella. **Identidade profissional no jornalismo brasileiro: a carreira dos correspondentes internacionais**. 2014. 372p. Tese (Doutorado) – Curso de Comunicação, Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação, Programa de Pós-Graduação, Brasília, 2014. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/17031/1/2014_LucianeFassarellaAgnez.pdf. Acesso em: 24 ago. 2022.

AGNEZ, Luciane Fassarella. O jornalismo internacional entre mudanças e permanências. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Santa Catarina, v. 12, n. 2, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2015v12n2p314/30665>. Acesso em: 19 maio 2022.

BRASIL, Antonio. A construção da imagem do Brasil no exterior: um estudo sobre as rotinas profissionais dos correspondentes internacionais. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 19, n. 3, pp. 775-794, set./dez. 2012. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/12901/8606>. Acesso em: 19 maio 2022.

BRITTO, Denise Fernandes. O papel do correspondente internacional na editoria exterior. In: **XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Anais. Porto Alegre, 2004.

FENAJ. **Perfil do jornalista brasileiro 2021**: Características sócio-demográficas, políticas, de saúde e do trabalho. 2021. Disponível em: <https://perfildojornalista.paginas.ufsc.br/files/2022/08/RelatorioPesquisaPerfilJornalistas2022x2.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2022.

GERVÁSIO, Maria Eduarda Cubas. **A mudança do perfil do jornalista correspondente Internacional**: presença feminina na profissão. 2022. 68 f. TCC (Graduação em Jornalismo), Centro Universitário Barão de Mauá, Ribeirão Preto, 2022.

GLOBO, Memória. **Correspondentes**. Disponível em: <https://correspondentes.memoriaglobo.globo.com>. Acesso em: 25 mar. 2023.

MULHERES no jornalismo brasileiro. 2017. Disponível em: <https://www.mulheresnojornalismo.org.br>. Acesso em: 25 mar. 2022.

NATALI, João Batista. **Jornalismo Internacional**. São Paulo: Contexto, 2004. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Acervo/Publicacao/1178>. Acesso em: 21 fev. 2022.

SILVA, Carlos Eduardo Lins. **Correspondente Internacional**. São Paulo: Contexto, 2011. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Acervo/Publicacao/3450>. Acesso em: 21 fev. 2022.

ORTE, Paola. Sem celular e internet, região dos EUA vive como nos anos 1990. **O Globo**, 07 jul. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/sem-celular-internet-regiao-dos-eua-vive-como-nos-anos-1990-23789243>. Acesso em: 06 nov. 2022.

PONTES, F. Desigualdades estruturais de gênero no trabalho jornalístico: o perfil das jornalistas brasileiras. **E-compós**, v.20, n.1, jan./abr., p.1-15, 2017. DOI: <https://doi.org/10.30962/ec.1310>. Acesso em 14 dez. 2022.

VIANA, B. C. B.; LIMA, M. Érica de O. **Além das fronteiras**: uma breve reflexão sobre a trajetória do Jornalismo Internacional. *Culturas Midiáticas*, [S. l.], v. 6, n. 1, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/cm/article/view/16198>. Acesso em: 18 maio. 2022.